

IDENTIDADE TERRENA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMPLEXA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO BRASIL

EARTHY IDENTITY AND COMPLEX ENVIRONMENTAL EDUCATION: REFLEXIONS BASED ON AN PEDAGOGIC EXPERIENCE IN BRAZIL

IDENTIDAD TERRENAL Y EDUCACIÓN AMBIENTAL COMPLEJA: REFLEXIONES DESDE UNA EXPERIENCIA PEDAGÓGICA EN BRASIL

Patricia Neumann*

 <https://orcid.org/0000-0001-8603-9587>

Juliana Mara Antonio**

 <https://orcid.org/0000-0003-4759-3854>

Adriana Massaê Kataoka***

 <https://orcid.org/0000-0002-2017-9357>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapécó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: NEUMANN, P.; ANTONIO, J. M.; KATAOKA, A. M. Identidade terrena e educação ambiental complexa: reflexões a partir de uma experiência pedagógica no Brasil. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 21, p. 577-596, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22io.5021>

RESUMO: O objetivo deste artigo é pensar a identidade terrena em relação com a Educação Ambiental (EA) Complexa. Para isso, descrevemos e interpretamos 12 imagens escolhidas por professoras(es) em um curso de formação continuada em EA no sul do Brasil. O curso foi desenvolvido teórico-metodologicamente com base na EA Complexa e as imagens representam o pertencimento a um grupo. Os resultados foram que a identidade terrena tem a ver um processo de identificação com o Outro, envolve a unidade e a diversidade, crenças e valores e é um suporte para lidar com as vulnerabilidades. Trabalhar a identidade terrena é um dos compromissos da EA Complexa, pois é um dos meios para modificar as relações de exploração e dominação. Consideramos que a identidade terrena é fundamental à consciência acerca de nosso comum pertencimento ao planeta e isto é essencial para nos assumirmos como seres responsáveis pelo cuidado e proteção do meio ambiente em suas complexas inter-relações.

Palavras-chave: Identidade terrena. Educação Ambiental Complexa. Complexidade.

ABSTRACT: The objective of this paper is to think about earthy identity in relation to Complex Environmental Education (EE). For this, we describe and interpret 12 images chosen by teachers in a continuous training course in EE in south of Brazil. The course was developed theoretical-methodological based on Complex EE and images represented the feeling of belonging. Results were earthy identity concerns the process of identification with Other, involves unity and diversity, believes and values and it is a support to handle vulnerabilities. To

work earthy identity is one of responsibilities of Complex EE because it is one of ways to change relations of exploration and domination. We consider earthy identity is fundamental to be aware regarding our common belonging to planet and it is essential to we take our responsibility in relation to environment and its complex inter relations.

Keywords: Earthy identity. Complex Environmental Education. Complexity.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es pensar la identidad terrenal en relación con la Educación Ambiental (EA) Compleja. Para eso, describimos e interpretamos 12 imágenes escogidas por profesoras(es) en un curso de formación continuada en EA en el sur del Brasil. El curso fue desarrollado teórico y metodológicamente desde la EA Compleja y las imágenes representan pertenecimiento de un grupo. Os resultados fueron que la identidad terrena tiene que ver con un proceso de identificación con el Otro, envuelve la unidad y la diversidad, creencias y valores y es un soporte para manejo de las vulnerabilidades. Trabajar la identidad terrenal es uno de los compromisos de la EA Compleja, pues es uno de los medios para cambiar las relaciones de exploración y dominación. Consideramos que la identidad terrenal es fundamental para la conciencia sobre nuestro común pertenecimiento al planeta y esto es esencial para asumirmos como seres responsables por el cuidado y protección del medio ambiente en sus complejas interrelaciones.

Palabras clave: Identidad terrenal. Educación Ambiental Compleja. Complejidad.

1 Introdução

A identidade terrena é um conceito que se origina a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. É um dos saberes necessários à educação, apresentado na obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Trata-se de um livro que Morin (2000) escreveu a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a finalidade de apresentar saberes indispensáveis à educação, sendo eles a cegueiras do conhecimento, o conhecimento pertinente, a condição humana, a identidade terrena, as incertezas, a compreensão e a ética. A identidade terrena se refere ao desenvolvimento, através da educação, da identificação com a Terra, de que todas e todos, mesmo diferentes, são pertencentes à mesma espécie e ao mesmo planeta. Esta identidade tem por base a consciência terrena, a qual implica compreender a complexidade do mundo, a condição humana de unidade e diversidade e as complementaridades e os antagonismos do processo planetário. Para isto, é preciso desenvolver um pensamento policêntrico, o qual é aberto às culturas e constituído por elas.

Em meio à complexidade do mundo, está a exploração dos recursos naturais e do trabalho humano, a desestruturação ecológica, a desigualdade social e a busca incontável por lucros que tem gerado incontestáveis crises em todos os âmbitos da vida (MORIN, 2015), sendo a crise socioambiental uma das mais relevantes, pois se trata da casa que habitamos, o planeta. Devido a tais crises, surgiu a Educação Ambiental (EA) como campo do conhecimento que veio contribuir para a superação destes problemas. Surgiu na década de 1970 com o movimento da contracultura, que denunciava a base materialista e industrial da época (CARVALHO, 2008). No Brasil, a EA teve início com práticas conservadoras – com foco apenas em aspectos biológicos e físicos onde o ser humano não é incluído como agente de mudanças – e somente posteriormente é que se consolidou no campo da Educação e agregou aspectos socioculturais. Enquanto campo polissêmico e interdisciplinar, a EA possui diferentes orientações epistêmico-metodológicas¹, sendo uma delas a EA Complexa².

Com base nessa perspectiva, defendemos que um mundo complexo requer uma EA Complexa, a qual pode e deve trabalhar a identidade terrena que proporciona a consciência de reconhecimento e pertencimento ao planeta, com vistas à responsabilidade de cada ser humano (em âmbito individual e coletivo) pelo seu cuidado, pela situação em que nos encontramos e por buscar maneiras de mudar esta realidade que ameaça a vida como um todo. Isto implica ir além de concepções de que EA objetiva apenas a conservação do meio natural e a sustentabilidade ambiental. Neste contexto, portanto, o objetivo deste texto é pensar a identidade terrena em relação com a EA Complexa

* Mestra em Educação. Bacharel em Psicologia. Graduanda em Filosofia. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Paraná. Membro do Núcleo de Educação Ambiental do Departamento de Ciências Biológicas e membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Humano e Educação do Departamento de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.
E-mail: souhumanista@gmail.com

** Universidade Estadual do Centro-Oeste
E-mail: julianamara85@hotmail.com

*** Doutora e mestra em Ecologia e Recursos Naturais. Licenciada em Ciências Biológicas. Coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental e docente do Departamento de Ciências Biológicas. Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO
E-mail: dri.kataoka@hotmail.com

1 No Brasil, temos três grandes abordagens teórico-metodológicas em EA: Conservadora, Pragmática e Crítica. E esta última embasa a legislação em EA (LAYARGUES; LIMA, 2014).

2 A proposta de uma Educação Ambiental Complexa, enquanto vertente teórico-metodológica, tem sido desenvolvida no Núcleo de Educação Ambiental da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava, no Brasil. O seu grupo de pesquisadoras e pesquisadores têm trabalhado em reflexões teóricas e práticas educacionais que visam a embasar uma nova corrente de pensamento e ação pedagógica em EA.

dentro de sua visão de ser humano e seu compromisso para com o desenvolvimento humano e do Planeta.

2 Metodologia

Para isso, partimos de uma experiência vivida em num curso de formação de professoras e professores em EA, no sul do Brasil, o qual foi construído teórico-metodologicamente com base na EA Complexa. Nossa discussão foi realizada a partir de Morin em conjunto com Milton Santos, um dentre os maiores intelectuais brasileiros do século XX.

O curso foi realizado em 2017 com a participação de 18 profissionais da Educação de diversas áreas de formação que atuavam com crianças de 0 a 10 anos. Ele fez parte de uma pesquisa participante³, preparado pelas autoras em conjunto com a diretora da escola para levantar as demandas mais urgentes da instituição. Os recursos didáticos do curso foram explanação expositiva, slides, vídeos, dinâmicas e imagens – e estas poderiam ser fotos, desenhos, pinturas etc. Os resultados que nos interessa, neste momento, foram as imagens do encontro em que trabalhamos, mais especificamente, a identidade terrena.

Como supracitado, um dos recursos didáticos que utilizamos foi o trabalho com imagens. Inspiramo-nos em Silva (2014) que trabalhou com estudantes do Ensino Médio⁴, na disciplina de Filosofia, o pensar por meio de imagens. As imagens foram utilizadas como um meio de suscitar o pensamento, pois, ao serem escolhidas pelos participantes, trouxeram algo deles de suas experiências de vida. Este *algo* requer um espaço de acolhimento para que não apenas se revele no pensar, mas que possa ser repensado, desconstruído e reconstruído. Como nosso objetivo principal, no curso, não foi apenas falar teoricamente sobre complexidade e EA, mas *vivenciar* a complexidade nos encontros, o recurso das imagens foi um caminho profícuo, justamente por oportunizar esta abertura ao (re)pensar.

Assim, ao término de cada encontro, solicitávamos aos participantes que nos enviassem (por e-mail) uma imagem que representasse – para cada um – o tema do encontro seguinte. Cada participante era livre para escolher sua imagem e, depois de enviadas, eram reunidas para serem apresentadas a todas e todos através de slides. Uma parte de cada encontro era destinada a uma exposição teórica acerca do tema, sendo interligado com os temas dos encontros anteriores, enquanto outra parte era destinada à apresentação e diálogo sobre as imagens. As professoras e os professores eram convidados a falar sobre sua imagem, suas motivações pela escolha, seus sentimentos, pensamentos e experiências. Nisto, criava-se uma abertura para o diálogo entre o grupo que podia compartilhar ideias, conhecimentos e opiniões relacionadas, principalmente, às questões em torno da EA dentro de suas áreas de estudo e trabalho. As narrativas dentre os presentes eram

3 Pesquisa de Mestrado de uma das autoras.

4 A educação, no Brasil, está dividida em dois níveis, o Básico e o Superior. O Ensino Médio (de 15 a 18 anos) está no nível Básico, junto à Educação Infantil (de 0 a 5 anos) e o Ensino Fundamental (de 6 a 14 anos) (BRASIL, 1996).

conectadas por quem estava a ministrar o curso que fazia o papel de intermediar as interpretações das imagens, o tema de cada encontro e de encontros anteriores, ao mesmo tempo em que proporcionava abertura para reflexões e espaço de acolhimento para todas e todos. A descrição e interpretação das imagens com as professoras e os professores foram realizadas de modo crítico-reflexivo.

Dentre os oito encontros que compuseram o curso, a identidade terrena foi trabalhada no quinto encontro. Este encontro foi direcionado intencional e conscientemente para partir de um sentido central que era o sentimento de pertencer a um grupo para que pudéssemos inserir a discussão acerca da identidade terrena e EA. Isto permitiu que a atividade tivesse, em certa medida, uma ordem. Entretanto, ela não foi totalmente ordenada, no sentido de que outros inúmeros significados puderam ser construídos no decorrer do processo, o que configurou a liberdade do pensamento, e requereu uma medida de ordem e uma medida de desordem, isto é, de presença e ausência de limites, ao mesmo tempo. As imagens são fechadas – no sentido de terem limitações de traços, cores, espaço etc. – e abertas, no sentido de poderem ser interpretadas de inúmeras maneiras a cada vez que são vistas pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes. Este é seu maior potencial enquanto recurso para a vivência da complexidade das relações e seus significados na consciência. Vejamos, portanto, as imagens que as professoras e os professores escolheram para representar seu pertencimento a algo.

3 A identidade terrena: um dos compromissos da EA Complexa

As 12 imagens escolhidas foram diferentes umas das outras, mas pudemos agrupá-las em torno de quatro sentidos comuns: 1) pertencimento à espécie e à relação com outras espécies, 2) pertencimento a organizações sociais e valores, 3) pertencimento a uma unidade na diversidade e 4) pertencimento a símbolos coletivos. A Figura 1 nos mostra as imagens.



Figura 1. Imagens que representam o sentido de identidade terrena
Fonte: Imagens escolhidas por participantes do curso de formação de professoras(es) (2017).

3.1 O Pertencimento à Espécie e a Relação com outras Espécies

As imagens 1, 2 e 3 trazem animais. A primeira mostra a relação de uma pessoa com um animal; a segunda e a terceira, animais em grupo. É bastante significativa a escolha por uma manada de elefantes e uma colônia de formigas. Tanto um quanto outro possuem uma organização e um funcionamento grupal para garantir sua sobrevivência. Em contrapartida, a imagem 1 mostra a relação entre espécies. Estas escolhas se voltaram ao meio ambiente natural e o sentido de identidade foi relacionado às relações entre a mesma espécie e entre espécies diferentes. Dentre estas relações, Morin e Kern (2003) atentam para a identidade da espécie humana em um de seus aspectos que é a biológica.

O *Homo Sapiens* possui uma identidade comum principal a todos os seus representantes que é a genética da espécie, a qual abarca a unidade morfológica, fisiológica, anatômica e cerebral, visto que a “[...] diáspora da humanidade não produziu nenhuma cisão genética: pigmeus, negros, amarelos, índios, brancos vêm da mesma espécie, possuem os mesmos caracteres fundamentais de humanidade” (MORIN, 2000, p. 65).

Tal genética particular difere da de outros organismos ao apresentar uma base afetiva com funções de aproximação dos membros da espécie. Exemplos são os sorrisos, as lágrimas e as gargalhadas, as quais são amplamente moldadas pelas culturas, mas são ações que têm na biologia sua base que capacita seres humanos a expressá-las (MORIN; KERN, 2003). Tal constituição biológica já foi amplamente defendida por Darwin, visto que um de seus princípios, quanto à expressão de emoções tanto em seres humanos quanto em outros animais, é o de que existem ações devidas à constituição do sistema nervoso, as quais são “totalmente independentes da vontade e, num certo grau, do hábito” (DARWIN, 2009, p. 37). Contudo, tal base biológica “[...] levou à extraordinária diversidade de línguas, culturas, destinos, fontes de inovação e de criação em todos os domínios” (MORIN, 2000, p. 65).

Pensar a identidade terrena remete, necessariamente, a um processo de identificação, o qual, por sua vez, remete à relação não somente de seres humanos entre si, mas com outras espécies animais, vegetais e seres inorgânicos. Quando falamos de identidade, não estamos a falar de seu significado mais comum de idêntico, homogêneo, pelo contrário. Trata-se de um conjunto de semelhanças e de diferenças que estão em constante transformação. A identificação com o Outro implica possuir semelhanças que os aproximam como membros do grupo, mas sem a obrigação de que tais membros tenham todas as mesmas características. Há, portanto, uma unidade e uma multiplicidade que Morin e Kern (2003) entendem como condição humana, ou seja, o ser humano é humano a partir desse par de contrários que são inseparáveis, os quais ora se revela a unidade e ora a multiplicidade. A unidade garante a identificação com o Outro e a multiplicidade garante a diversidade que é necessária para a sobrevivência. Um grupo, enquanto espécie, que não se diferencia conforme as mudanças do mundo, tende a se extinguir e, neste sentido, Morin vê na diversidade a possibilidade de contraposição à homogeneidade, bem como a religação do que está fragmentado, a religação em uma unidade terrena de pertencimento.

Contudo, a unidade a qual Morin se refere não é a suposta unificação mundial oriunda do processo de mundialização que tomou força no século XX a partir dos muitos avanços científicos e, principalmente, tecnológicos. As distâncias encurtadas pelo transporte e pela comunicação, em transformação do tempo e o espaço. Isto porque, esta mundialização, segundo Morin (2000), que, aparentemente

te unifica os povos, tem, na verdade, gerado um processo massivo e violento de homogeneização das populações à custa da exclusão e do extermínio por grandes potências econômicas. Enquanto há países europeus que possuem amplo padrão socioeconômico de vida, outros tantos na África, Ásia e América-Latina convivem diariamente com a pobreza e a miséria. Esta mundialização não é apenas econômica, mas cultural, visto que a cultura hegemônica, pautada em competitividade e consumo sem limites de recursos com vistas ao acúmulo de bens, visa a destruir qualquer outro modo de vida.

Dentro disto que nos coloca Morin, salientamos que a destruição se amplia do meio natural para o sociocultural, pois uma das formas de explorar um povo é destruir seu capital simbólico, sua ancestralidade e suas tradições que unem os indivíduos enquanto comuns. No Brasil, *e.g.*, isto foi amplamente feito quando trazidos negras e negros da África para servirem como escravas e escravos. Oriundos das mais diversas etnias, grande parte de suas culturas foi totalmente perdida e os descendentes, hoje, nada ou quase nada sabem de sua ancestralidade, o que dificulta, inclusive, a identificação com as pautas nas lutas por direitos. Segundo Schwarcz (2012), a população negra, logo após a abolição, em 1888, foi submetida a políticas estatais de branqueamento, as quais deram prioridade de terras e trabalho assalariado a imigrantes europeus enquanto negras e negros foram empurrados para a margem, sem assistência alguma. Isto tem sido fonte de ampla desigualdade social em todos os âmbitos. No Brasil, embora seja a maioria⁵, negras e negros têm menos acesso à educação, têm mais dificuldade em conseguir trabalho, ganham menos e são mais vítimas de violências, em geral conforme menciona o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). Do total de homicídios, 73% das vítimas são homens negros e 63% mulheres negras, ambos públicos com baixa escolaridade. Destes, 68% dos homens e 45% das mulheres são mortos na via pública e 39% das mulheres dentro de casa, muitas delas vítimas de feminicídio. As mulheres negras sofrem ainda mais que homens negros por falta de oportunidades de educação e trabalho e, também, pela violência, principalmente a doméstica, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2019).

Essa desigualdade que afeta países, portanto, também é encontrada dentro de um mesmo país e está diretamente relacionada, dentre outros fatores, com a ausência de identidade entre diferentes, que leva, *e.g.*, ao racismo, o qual é comum, no Brasil. A mundialização é, em grande parte, violenta, pois tem por base a negação – que culmina em exploração e extermínio – do Outro e não o reconhecimento de que este Outro, seja quem for, é da mesma espécie. Por isso, a identidade terrena é tão relevante, pois ela se contrapõe ao que Morin (2000) descreveu como a criação, no século XX, de um planeta global no qual os Es-

5 Em 2018, segundo o Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe, 54,5% da população se autodeclarou negra (sendo negra a pessoa parda ou preta). Disponível em: gema.iesp.uerj.br/category/relatorios.

tados em conjunto com a tecnologia e indústria esmagam as diversidades, as etnias e as culturas, o que tem gerado inúmeras guerras, deportações e fanatismos. Tal projeto de mundialização e desenvolvimento, pautado estritamente no âmbito técnico-econômico, tem fragmentado o mundo e as pessoas, pois sua base é uma racionalidade que ignora o cosmos, o mundo e os seres vivos em sua complexidade e enxerga, salientamos, apenas o lucro através da morte gradual ou instantânea.

Gradual, *e.g.*, quando da instalação de obras de grande impacto ambiental como a siderúrgica TKCSA, no Rio de Janeiro, a qual gera intoxicação do ar – elevação de 76% de emissões de CO² e 1.000% de ferro – e a morte de ecossistemas que afetam diretamente a sobrevivência humana como a de pescadores que perderam seu trabalho pela morte dos peixes e comunidades pobres que foram empurradas para regiões que inundam a cada chuva. E morte instantânea, seja pela polícia representante do Estado, seja pelo narcotráfico – as milícias – aliado do Estado e das multinacionais que controlam a vida nas favelas. A violência vem por todos os lados pela destruição da natureza e pelo assassinato direto de pessoas (ZIBECHI, 2018). A mundialização pautada nesta lógica traz, portanto, consigo um maior poder de genocídio da natureza e de populações que são vistas como um objeto descartável.

3.2 O pertencimento a organizações Sociais e valores

Neste contexto de destruição supracitado, as imagens 4, 5 e 6 trazem em comum a menção a dois grupos sociais humanos presentes nas mais diversas culturas: o grupo familiar e o religioso, sendo a igreja a materialização da religião e, mais especificamente, nas imagens 5 e 6, a religião católica. É possível visualizar a família representada por um casal e uma criança, ou seja, a união de duas pessoas e a existência de uma nova vida – embora não fique tão explícito o sexo e gênero do casal nos bonecos da imagem 4. Já na imagem 5, a menção ao sexo e gênero ficam bem diferenciados pela roupa e cor⁶. A oração que é representada na imagem 6, através do terço, elemento do Catolicismo, mostra a presença desta religião no Brasil, que remete à própria constituição sócio-histórica do país. Principalmente, junto aos colonizadores portugueses, veio a religião Católica⁷. Tais escolhas também são muito significativas e refletem a relevância dada a estas organizações sociais e seus valores como elementos de ligação entre pessoas.

Emergem, aqui, elementos fundamentais da identidade terrena: as crenças e os valores, elementos estes pautados em racionalidade e em afetividade que, juntos, constituem um arcabouço básico de conhecimento de um povo e seu sentido de existência. Segundo Morin e Kern (2003), no decorrer do século XIX, as ciências naturais afirmaram, progressivamente, o humano como ser biológico. Em contrapartida, as ciências humanas como ser cultural e

6 As questões de gênero têm sido um debate acalorado, principalmente após a eleição presidencial de 2018 e consequente vitória de Jair Bolsonaro, defensor explícito do modelo heteronormativo. A ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves, declarou em público que o Brasil está em uma nova era, a era na qual “meninos vestem azul e meninas vestem rosa” – alusão à imposição do padrão cisgênero e heterossexual, principalmente defendido por algumas religiões evangélicas. Vídeo da declaração da ministra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vAE2tbvD4nY>.

7 Apesar de 65% da população ainda se considerar católica, o Catolicismo tem gradualmente diminuído a cada década (em 2000, eram quase 78%). O Brasil tem se tornado um país de ampla diversidade religiosa e os 35% restantes se dividem em evangélicos pentecostais ou neopentecostais, evangélicos de missão, espíritas, umbandistas, candomblecistas, sem religião e outras religiosidades (IBGE, 2010).

psíquico⁸. Essa compartimentação entre as ciências dificulta a aceção complexa que conglomerasse essas três dimensões (biológico, cultural e psíquico) e cada uma dessas lentes de percepção, ao hipervalorizar uma dimensão percebida, camufla as demais. A fragmentação do ser humano reflete na percepção de mundo. O pensar fragmentado dificulta o entendimento das problemáticas interpessoais e socioambientais, o seu processo, suas consequências, e a procura por meios e soluções eficazes para a transformação com vistas a superar as relações de dominação e exploração.

Neste contexto, há uma ampla diversidade de crenças e valores. O problema, contudo, não está na diversidade, mas na fragmentação que tem sido gerada desde o advento das ciências e tecnologias, quem detém a informação e como ela é manipulada. Ao encontro de Morin, Milton Santos afirma que vivemos em uma época nunca antes vivida, proporcionada pelas técnicas, uma época em que independentemente de tempo e do espaço, temos acesso ao que se passa com o Outro, “o acontecimento instantâneo do acontecer do outro” (SANTOS, 2002, p. 14). A isto, Santos (2002) chamou convergência de momentos; contudo, tais informações sobre o Outro não são para todos – visto que nem todos têm acesso à tecnologia – e, ainda, são intermediadas por empresas de informação, onde o tempo real passa a ser organizado por quem detém o poder das técnicas.

A questão do tempo e do espaço é fundamental quando da constituição do sentido da existência pautada nas crenças e nos valores. Para Santos (2002), é justamente no crescimento de percepções fragmentadas da realidade que se insere o discurso único de mundo – de homogeneização da vida. Tal discurso, hegemônico, visa a fazer acreditar que uma perspectiva que sustenta um só modo de vida que é melhor e já é aceito por todos. E este discurso passa a produzir a existência das pessoas, uma existência que não mais diferencia o que é real e o que não é, entre o que é e o que parece ser. Isto porque a ideologia que se propõe ser hegemônica se impõe como real e faz isto através dos objetos concretos, os produtos e os bens. Tais produtos são reais. Alguns exemplos, salientamos, são as roupas divididas em formas e cores para mulheres e homens, os brinquedos para meninas e meninos, a comida industrializada e processada, os remédios, os cosméticos, os inúmeros produtos que nos dizem que precisamos *ter* para sermos *felizes*.

Os produtos e o discurso, unidos, nos convocam, como diz Santos (2002), a nos comportarmos de acordo com a ideologia que visa à homogeneidade do sentido e da vida. Em vez de sermos nós que comandamos os objetos, da metade do século XX para cá, são os objetos – carregados de ideologia hegemônica – que nos comandam, e acrescentamos, ditam nossos desejos, nossa felicidade, nossa infelicidade e, principalmente, nossas crises interpessoais e socioambientais. Como bem coloca Santos (2002), qualquer

8 Morin alude à separação feita pelo filósofo Wilhelm Dilthey entre ciências da natureza e ciências do espírito.



hegemonia tende a uma centralização não só da economia mas de condutas. Com isto, limita-se a liberdade de pensar, sentir e agir, o que acarreta em mal-estar individual e social: a crise, ou melhor, as crises. Nisto, pensamos, é comum se ouvir discursos sobre crise de valores. Neste aspecto, em específico, parece que se fala que valores estão em crise quando se revelam modos distintos de viver a vida, os quais destoam do padrão hegemônico que não tem interesse que as pessoas aprendam a viver com as “virtudes, experiências, sabedorias [...] carências e ignorâncias” (MORIN, 2000, p. 77) de cada cultura.

E os espíritos, a esta altura, já estão tão fragmentados que não sabem de onde e nem como as crises começaram, o que as gera e o que as mantêm. A crise é criada junto a soluções prontas e determinadas também pela hegemonia (SANTOS, 2002) – exemplo disso, enfatizamos, é o fato de que as pessoas, em geral, buscam por remédios para suas doenças e depositam na indústria farmacêutica todas as suas esperanças, mas raramente se perguntam o porquê de estarem, *e.g.*, depressivas e ansiosas – isto porque, no mundo, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), já são 322 milhões de casos de depressão. Somente no Brasil, são 11,5 milhões de casos de depressão e 18,9 milhões de distúrbios de ansiedade. Entretanto, crise também não é para todos, embora se passe a ideia de que todos perecem nas crises sejam elas quais forem. Nem todos têm falta de água potável, vivem em lugares com seca, fome, conflitos armados e falta de serviços de saúde básica. Ou, então, são vítimas da morte por poluição do ar, de doenças crônicas não transmissíveis, de gripe, de Ebola, de HIV, de dengue ou de doenças infecciosas como pneumonia, tuberculose e gonorreia, as quais têm se tornado resistentes aos medicamentos a cada dia. Tais problemas socioambientais são excluídos pelas grandes potências econômicas nesse processo de mundialização, pois este, em verdade, apenas *parece* unificar o mundo. Eis a diferença entre ser e parecer, sendo que o *ser* se perde no turbilhão de fragmentos e na vulnerabilidade em todos os sentidos vivida por grande parte da população mundial. A partir do cenário de vulnerabilidades, vejamos as imagens 7, 8 e 9.

3.3 *O pertencimento a uma unidade dentro da diversidade*

Nas imagens, são representados outros grupos como o de amigos, na imagem 7, a escola ou mesmo outro espaço de educação formal, na imagem 8, e um grupo de pessoas reunidas em um show, na imagem 9. Em cada um desses grupos, há elementos que contrapõem a vulnerabilidade humana, pois o sentimento de pertencer a um grupo com interesses e objetivos comuns é fundamental para lidar com as vulnerabilidades da existência humana. Salientamos que o termo vulnerabilidade é utilizado por diferentes áreas de conhecimento que, embora possam atribuir

significados diversos conforme o fenômeno ao qual se dedicam, partem do significado inicial de que vulnerabilidade é uma circunstância na qual alguém ou alguma coisa esteja vulnerável. Podemos afirmar que uma pessoa, em determinadas condições, está em maior ou menor grau de vulnerabilidade, assim como também uma espécie animal ou vegetal, uma plantação ou, ainda, um ecossistema, um bairro de uma cidade, uma empresa, a economia de um país, um governo, a cultura de um povo etc. Vulnerável quer dizer estar sujeito a ser prejudicado, atacado, agredido e até mesmo destruído.

Nesse sentido, a identidade terrena, a qual é uma identidade ampla que engloba todos os diferentes grupos, é um suporte para lidar com o sentimento de estar em uma situação de fragilidade e desamparo no decorrer do processo de desenvolvimento individual e social. É importante ressaltar que o desamparo faz parte da vida de seres que possuem emoções e são capazes de pensar sobre si e o mundo; contudo, há situações que provocam um excesso de fragilidade, a qual pode gerar graves danos à saúde e à vida como um todo. Exemplo disso, bem delineado por Santos (2002), ocorre quando o consumo e o dinheiro se tornam reguladores supremos da vida. O dinheiro, que se torna onipresente a partir do padrão hegemônico, passa a exigir que as pessoas elenquem a acumulação de bens como finalidade última de sua existência. Enquanto alguns conseguem acumular, a grande parte se endivida – realidade visível, no Brasil, onde mais da metade das famílias possuem alguma dívida, sendo mais de 70% por cartão de crédito. A cada ano cresce o número de famílias endividadas, as com contas em atraso e as sem condições de pagar as dívidas, segundo a pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2017). Um cenário que firma “[...] um círculo vicioso dentro do qual o medo e o desamparo se criam mutuamente e a busca desenfreada do dinheiro tanto é uma causa quanto é uma consequência do medo e do desamparo” (SANTOS, 2002, p. 28). Ressaltamos que a busca por acumulação de bens materiais, inevitavelmente, leva a desigualdades, pois não há recursos suficientes para serem acumulados por todos. Nisto, instaura-se a competição por recursos e onde há competição, exclui-se a partilha e, conseqüentemente, o sentido de pertencimento.

É neste cenário que entram fatores como as amizades, a educação e o lazer, representadas nas imagens 7, 8 e 9. Todas estas atividades implicam o reconhecimento da existência do Outro enquanto um ser que partilha de algo comum a mim que, em âmbito profundo, é o que Morin (2000) chamou de consciência antropológica, isto é, o reconhecimento de uma unidade dentro da diversidade. Mesmo que o Outro seja diferente de mim e vice-versa, temos algo em comum: somos do planeta Terra. São os momentos proporcionados pelas relações de amizade, de educação e de lazer, refletimos, que são potenciais espaços

para a abertura à diversidade, para a construção de outras possibilidades de vida que não unicamente àquela governada pelo consumo e dinheiro. A identidade terrena almeja outras finalidades para a vida humana, sendo uma delas o compromisso com o planeta e com tudo que nele habita, seja orgânico seja inorgânico. Por isso, a identidade terrena é sempre uma poli-identidade. A poli-identidade é, segundo Morin (2000), um conjunto de identidades em vários aspectos como a identidade familiar, a regional, a étnica, a nacional, a religiosa, a filosófica, a continental e a terrena. A poli-identidade não é fixa nem imutável. Ela é fluida, é complexa. E é com esta complexidade que precisamos aprender a lidar, pois assim também tem sido com os problemas socioambientais, os quais não serão resolvidos na lógica da competitividade e na busca obsessiva pelo melhor lugar ao sol, em detrimento da solidariedade.

A competitividade, a qual ultrapassa o sentido de concorrência, segundo Santos (2002), se opõe às relações solidárias, de apoio e compreensão, também salientado por Morin (2000). Para Santos (2002), vivemos uma época singular na história da humanidade, nunca vista antes, de generalização do medo. Sente-se medo de tudo, de perder o emprego, de passar fome, de ser violentado, em suma, medo do Outro. Este Outro seja “[...] empresa, instituição ou indivíduo, parece como um obstáculo à realização dos fins de cada um e deve ser removido, por isso, sendo considerado uma coisa” (SANTOS, 2000, p. 30).

O medo do Outro, então, passa a regular também as relações e prejudica a construção de um senso de identidade. É como se o Outro nada tivesse em comum comigo e se nada temos em comum, não há consciência alguma de humanidade. Entre um e outro há um abismo que urge ser transposto, um abismo construído e perpetrado de forma consciente e inconsciente. É urgente desenvolver a consciência de que o Outro está a ser enquanto Outro para mim, mas eu, enquanto eu, sou o vir a ser Outro, para o Outro. Trata-se, então, de um pensar *a partir de* algo e não apenas sobre algo. Não um pensar apenas a partir de si mesma(o), mas um pensar a partir de todo e qualquer outro ponto de referência. Para isto, os espaços como as relações afetivas – as amizades – a educação e os momentos de lazer, que não necessariamente têm que ser tal qual na imagem 9, são de fundamental importância na construção de uma identidade terrena. Esta identidade requer um pensar *a partir de* – como a partir da outra pessoa, a partir dos animais, a partir das plantas, a partir do cosmos etc. –, pois é este movimento que abre infinitas possibilidades de reinvenção de si e do mundo.

3.4 O pertencimento a símbolos coletivos

Por fim, as imagens 10, 11 e 12 trazem situações diversas. A imagem 10 traz figuras de super-heróis. E tais figuras são simbólicas e coletivamente associadas a salvar um

grupo de algum mal. Geralmente, super-heróis estão em busca de salvar algum mundo, seja uma cidade, um país, o planeta ou o universo. Também remetem ao poder de realizar coisas através de suas habilidades, de proporcionar mudanças que têm por base a luta por alguma causa. Ou seja, uma característica de super-heróis é que possuem uma profunda identificação com o Outro e buscam sempre protegê-lo da exploração e do extermínio, representado, comumente, por um vilão. A imagem 11 nos traz a representação de uma nação, no caso, a brasileira, pela bandeira, um dos símbolos nacionais, o que remete à constituição sócio-histórica do país⁹ e o sentido de pertencimento a este grupo nacional. E, por fim, a imagem 12 traz uma riqueza profunda de significados como a questão geracional, com as crianças enquanto filhos do casal e os avós. Também elementos naturais como a árvore, a flor e os animais; o elemento cosmológico que é o sol, ou seja, o que está fora da Terra, e a tecnologia expressa na casa, no carro e na bicicleta. Há, ainda, um elemento entre *dad* e *mom*, que pode ser tecnológico, um brinquedo em forma de robô ou mesmo uma figura extraterrena. O coração, que geralmente é associado ao amor, pode ser interpretado como um elemento de ligação de todos os demais pela afetividade.

As imagens 10 e 11 trazem o significado de identidades com algum mundo, seja a humanidade, como os super-heróis, seja uma nação, no caso da bandeira, ambas identidades compõem a poli-identidade. A última imagem, contudo, é a que condensa o sentido da identidade terrena e do que compreendemos como EA Complexa, a qual adota fundamentos teórico-metodológicos da Teoria da Complexidade de Morin (2000, 2008, 2010, 2011, 2015). Na EA Complexa, seu objetivo central é superar a fragmentação, a dominação e exploração, a coisificação do Planeta e dos seres orgânicos e inorgânicos que nele habitam. Tal EA se posiciona contra o sistema econômico capitalista, o qual possui como lógica apenas o lucro sem pesar as consequências, fomenta o consumismo exacerbado e o modelo de produção em massa, o que está diretamente relacionado às crises contemporâneas, como a exploração do meio natural e do ser humano, desequilíbrio ecológico e desigualdade social, como já apontado anteriormente.

A EA Complexa assume a antropologia de Morin e Kern (2003), a qual define o ser humano¹⁰ como ser *complexo*, o qual é constituído de múltiplos aspectos. Primeiramente, trata-se de um “ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural” (MORIN, 2000, p. 52). O ser humano é *Homo Sapiens* e também *Homo Demens*, pois tem em si as características de egocentrismo e de altruísmo, chega a vivências intensas em momentos de êxtase e de embriaguez, tem intensos desejos e busca por prazeres, e tudo isso é de ordem biológica. É através da cultura, portanto, que o ser humano consegue conservar, transmitir e também aprender diferentes modos de vida (MORIN, 2000)¹¹.

9 A bandeira é um dos símbolos nacionais, instituído, inicialmente, pelo Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889 (BRASIL, 1889), quando da transição do regime de Império, governado por Portugal, para a República. Mas somente em 1971 foram definidos por lei. São os símbolos nacionais a bandeira, as armas, o selo e o hino (BRASIL, 1971).

10 Morin utiliza o termo “homem” em seus escritos, mas optamos por utilizar “ser humano”, por entendermos que seja um termo mais apropriado ao que se propõe a EA Complexa.

11 Vê-se, nesta caracterização que conjuga *Homo Sapiens* (sábio) e *Homo Demens* (louco), ser biológico e ser cultural e a cultura como elemento que tira o ser humano de seu pleno estado bestial, a significativa influência de discussões psicanalíticas.

Em segundo lugar, trata-se de um ser que apresenta a tríade “cérebro, mente e cultura”. Isso significa que há uma relação de dependência entre tais elementos. A existência de cultura depende de existir o aparato biológico que é o cérebro humano e a existência da mente depende da existência da cultura. A mente existe a partir da relação entre cérebro e cultura. Ela passa a afetar o cérebro, o qual afeta a cultura. Em contrapartida, a cultura afeta a mente que também afeta o cérebro. Ou seja, todos se afetam mutuamente e isso abre possibilidades infinitas de transformações em nível biológico, psicológico e sociocultural.

Em terceiro lugar, trata-se de um ser que apresenta também a tríade “racionalidade, afetividade e pulsão”. A relação entre estas instâncias é de complementaridade e também de antagonismo. Tal relação é instável e muda a qualquer momento, mas não há uma hierarquia absoluta entre elas e ora uma ora outra se mostra mais presente conforme inúmeras circunstâncias ou mesmo disputam espaço no ser humano quando da tomada de decisões e realização de ações. A racionalidade, tão exaltada pelas ciências, não tem o poder que se supõe. Ela é tal qual as outras duas instâncias e pode ser dominada por elas. Tanto é que a pulsão de morte¹² pode utilizar da racionalidade para justificar e pôr em prática suas ações com vistas ao extermínio (MORIN, 2000).

Em quarto lugar, o ser humano apresenta a tríade “indivíduo, sociedade e espécie”. A espécie humana realiza um contínuo processo que reproduz sua existência através e a partir, minimamente, de dois indivíduos – sendo indivíduo o ser humano individual. A relação interativa entre o mínimo de dois indivíduos produz a sociedade, a qual produz as culturas, as quais voltam a agir sobre o indivíduo. Nenhum destes três elementos é superior ao outro. Eles têm a mesma relevância e não se pode atribuir maior valor ao indivíduo ou à sociedade ou à espécie, pois a “[...] sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade; a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade” (MORIN, 2000, p. 54). Isso implica na concepção de que todos os três elementos são, ao mesmo tempo, meio e fim. A sociedade e a cultura são o meio para a realização dos indivíduos e também o seu fim – a realização. A relação entre indivíduos é o meio para a existência da sociedade e formação de cultura e, igualmente, o seu fim, visto que são nelas que ocorre a realização individual. Nisso, insere-se um fator de suma importância que é compromisso ético-político que deve ser assumido pelos indivíduos em suas culturas: a liberdade de expressão dos seres em sua individualidade (MORIN, 2000).

Compromisso este adotado pela EA Complexa, onde o desenvolvimento humano é pautado pela presença de condições para a autonomia, participação comunitária e sentimento de pertencimento gerado pelas pluri-identidades interligadas à identidade terrena, ou seja, de que, embora haja todas as diferenças possíveis, somos da

12 Em Morin (2000, p. 54), “pulsão homicida” é uma força que leva à morte, novamente alusão à Psicanálise.

mesma espécie e habitamos o mesmo Planeta. Isso porque, segundo Morin (2000), o ser humano é sobrevivente, pois de forma significativa ampliou suas potencialidades da organização viva. E sua identidade biológica é inteiramente terrestre, em virtude de que a vida surgiu de turbulentas combinações químicas em águas, sob os céus de tempestades. Essa identidade físico-química terrestre, intrínseca de qualquer organização viva, suporta em si uma pluri-identidade cósmica, visto que os átomos de carbono indispensáveis à vida terrestre se constituíram na trama frenética de sóis antecedentes ao nosso em que bilhões de moléculas que compõem nosso corpo surgiram há 15 bilhões de anos na aurora cintilante de nosso universo.

Por outro lado, o ser humano, na tessitura atual das inter-relações sociais, tem se estruturado de modo a afastar-se da identidade terrena da qual ele faz parte. Ao passo que as mitologias de alguns povos inseriam o humano na natureza, o *Homo Occidentalis* foi, até meados do século XX, integralmente ignorante quanto à sua identidade cósmica e terrestre. Esse sentimento de pertencer a grupos e a um coletivo global é extremamente relevante para sensibilização e conscientização socioambiental, pois é indispensável à consciência o sentimento de pertencimento recíproco que nos une à Terra, uma vez que temos os mesmos problemas e estamos vinculados ao mesmo destino planetário. É necessária e urgente uma educação em que o sujeito aprenda a ser, a estar aqui, a viver, a comunicar, a partilhar e a compreender (MORIN, 2015).

Os aprendizados proporcionados por esta educação defendida por Morin, absorvidos pela EA Complexa, implica, dentre diversos princípios, o de se pautar pela unidade e diversidade não como antagônicos, mas como equivalentes nas relações humanas. Isso porque a humanidade possui, ao mesmo tempo, uma unidade e uma diversidade. Cabe à EA Complexa trabalhar em prol de que a unidade não venha a sobrepor a diversidade, ou seja, que uma proposta ideológica de normalização da vida, justificada por uma racionalidade exclusivamente técnica, a serviço de interesses particulares e, muitas vezes, perversos – tal qual discutido por Milton Santos – não se imponha sobre os demais.

A unidade, segundo Morin (2000), não se encontra somente no aspecto biológico do ser humano, mas está presente também nas culturas – as quais têm elementos comuns entre seus membros. Do mesmo modo, a diversidade não está apenas nas culturas, mas também na biologia da espécie. Defendemos que compreender e atuar para que se desenvolva a compreensão acerca da relação entre a unidade e a diversidade, a singularidade e a multiplicidade do ser humano, é uma de nossas tarefas enquanto educadoras e educadores ambientais. Esta é uma das bases para se chegar ao objetivo da consciência da identidade terrena, a qual abandona as visões unilaterais que fragmentam o ser humano e sua realidade.

É preciso, defende Morin (2000), considerar o ser humano complexo que é composto de muitas partes, mas partes que ultrapassam o todo, isto é, o todo não se resume à soma de suas partes¹³. Isso significa que, no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento “simbólico, mítico, mágico ou poético” (MORIN, 2000, p. 59) e, crescemos, vice-versa. Uma parte não anula as demais, mas pode ora se revelar e ora não. Na EA Complexa, trabalha-se para que essas muitas partes do humano complexo tenham as condições mínimas para se revelar e realizar-se. Por isso, é tão importante a posição educacional e política contra qualquer ideologia de homogeneização da vida e de seus sentidos, da sobreposição de uma unidade sobre a diversidade. Tal postura foi adotada na construção e realização do curso de formação de professoras e professores em EA, em 2017. De lá para cá, o mesmo temos feito em outras formações na educação continuada de professoras e professores, principalmente da rede pública de ensino, concomitante à pesquisa. Trata-se de uma iniciativa pioneira, enquanto EA Complexa, sendo desenvolvida no Brasil.

13 Vê-se, nesta asserção, marcante influência da Fenomenologia do filósofo Edmund Husserl.

Considerações finais

A identidade terrena se mostra como uma potencialidade para expandir a consciência acerca do pertencimento e reconhecimento de nosso enraizamento no planeta. Tal enraizamento é essencial para nos vermos como componentes do meio natural e social e de suas complexas inter-relações. Trabalhar a temática no curso de EA Complexa com as professoras e os professores, a partir das imagens, propiciou um amplo espaço de abertura, acolhimento, criticidade e autonomia, em que cada participante pode explorar o assunto a partir de suas identidades particulares, o que foi extrapolado para uma identidade maior, ou seja, a identidade terrena e cósmica. As imagens também nos mostram a complexidade do processo de construção da identidade, a qual envolve múltiplas experiências de vida e, disto, salientamos a importância da defesa da diversidade, pois é ela que oportuniza que sentidos possam ser desconstruídos e reconstruídos sob outras perspectivas.

O sentir-se pertencente pressupõe uma consciência terrestre, a qual visa a compreender a complexidade do mundo, multidimensionalidade da condição humana e da natureza, entender a diversidade e unidade da espécie humana, tão relevantes no campo da EA e, para nós, educadoras e educadores ambientais, visto que almejamos a transformação da relação sociedade-natureza, no intuito de um viver mais sustentável, integral, digno e justo para todas e todos. Trabalhar a identidade terrena no campo da Educação Ambiental é um dos meios para contribuir com a sua efetivação no que tange às possibilidades de serem desenvolvidas práticas educacionais mais amplas e que considerem mais elementos da vida.

Salientamos, contudo, que a proposta da EA Complexa é um imenso desafio para todas e todos nós porque se trata de uma mudança profunda no modo de ver a si mesma(o), de ver o mundo e de habitar nele. O Brasil é um país que possui uma construção sócio-histórica com diversos grandes problemas, sendo um dos principais a exploração do meio ambiente e das pessoas. Esta nação que chamamos brasileira se constituiu da vinda de povos europeus que não tinham por objetivo a convivência com outros povos, mas a dominação deles. Desde 1500, a data histórica do equivocado “descobrimento” – equivocada porque, em verdade, Brasil não existia para ser descoberto, Brasil foi inventado por quem veio de fora – instalou-se um estado de guerra entre povos que habitavam estas terras e os que vieram de fora. Quem veio de fora – como portugueses e espanhóis – se acharam no direito de tomar para si a terra, seus recursos naturais e as próprias pessoas como escravas.

Tal estado de guerra vigora hoje. Haja vista a constante violência de *brancos* contra povos indígenas, uma fome insaciável daqueles por tomar o que resta destes, pois indígenas continuam a ser assassinados, tendo como alvo, principalmente, os caciques. Isso porque os caciques são símbolos de pertencimento e orientação da organização dos povos indígenas, sendo estes os que realmente protegem a natureza. Para as educadoras e os educadores ambientais, é essencial a consciência desta realidade: o cenário de guerra em que vivemos. O Brasil é um país onde haver paz e respeito entre povos é um ideal e tem sido uma ilusão. Nossa própria identidade nacional é complexa de ser definida, pois o Brasil, em realidade, é “muitos Brasis”.

Nossa origem e nossa constituição são plurais, pois somos filhas e filhos de imigrantes europeus, de múltiplos povos indígenas e africanos. Fomos geradas e gerados, em grande medida, nas relações de exploração, sendo uma delas a sexual, fora e também dentro dos casamentos. Eis um aspecto que não temos mais como negar enquanto elemento constituinte de nossas subjetividades, neste país. Tais violências fazem parte da forma como, hoje, vemos a nós mesmas(os) e o mundo, é a forma como temos aprendido a ver o Outro. Sem o reconhecimento dessa história de barbáries, ficamos apenas na superfície dos problemas e buscamos soluções também de curto alcance, por exemplo, ensinar a não jogar lixo na rua e nas águas. Certamente que é fundamental esta atitude, mas a EA não pode ser ingênua ao ponto de acreditar que isto é suficiente, pois nossos problemas são bem mais profundos e mais complexos.

Acreditamos, contudo, que é possível fazer algo quanto a tudo isso, embora não tenhamos a certeza se conseguiremos ou não salvar nosso planeta. Trata-se da responsabilidade que não pode mais ser atribuída ao Outro, seja este quem for. E cada um de nós precisa assumir, todos os dias, desde não jogar o lixo na rua até as mais variadas maneiras de luta contra toda e qualquer forma de violência a qualquer ser orgânico e também inorgânico. Trata-se

de assumir uma posição clara e distinta nesta guerra que é mundial, entre forças que buscam destruir e as que se contrapõem em busca de construir. Quando falamos em guerra, esta nem sempre é feita com armas – embora o poderio bélico tenha crescido de modo alarmante. Mas há outras maneiras de luta. Um texto como este é um enfrentamento, é uma posição assumidamente contra toda barbárie que já foi e que continua a ser perpetrada. Toda teoria e prática em Educação tem um posicionamento político e a EA Complexa não é diferente. Assumimos explicitamente a defesa do planeta e de tudo que nele vive contra qualquer força que possa vir a destruí-lo de alguma maneira. Isso implica considerar a complexidade do mundo e do cosmos, de assumir que não somos donos de nada e que estamos de passagem nesta existência. E podemos, nesta passagem, contribuir com algo. Eis a escolha que fazemos a cada dia.

Referências

BAND JORNALISMO. **Menino veste azul e menina veste rosa, diz ministra.** 4 jan. 2019. 1 vídeo (5 min 4 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vAE2tbvD4nY>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889.** Estabelece os distintivos da bandeira e das armas nacionais, e dos sellos e sinetes da Republica. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D0004.htm. Acesso em: 26 jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971.** Dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5700-1-setembro-1971-357915-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor,** 2017. Disponível em: http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/perfil_de_endividamento_das_familias_brasileiras_em_2017.pdf. Acesso em: 28 jul. 2019.

DARWIN, Charles. **A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA (GEMAA). **Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe**. 2018. Disponível em: gemaa.iesp.uerj.br/category/relatorios. Acesso: 10 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE: 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese dos Indicadores Sociais 2018**. Rio de Janeiro: IBGE: 2018. Uma análise das condições de vida brasileira. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=9222&t=sobre>. Acesso em: 25 jun. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência**. 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 28 jun. 2019.

LAYARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macro tendências político pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente e Sociedade**, n. XVII, v. 1, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso: 30 maio 2019.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessário à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar; KERN, Anne B. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Depressão e Outros Distúrbios Mentais Comuns**: estimativas globais de saúde. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org>. Acesso em: 27 jul. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem Preto nem Branco, muito pelo contrário**: cor e raça na intimidade. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. (Coleção Agenda Brasileira).

SILVA, Manuel Moreira da. O PIBID e o desafio da formação inicial de professores de filosofia para o ensino médio no centro-oeste do Paraná. *In*: BECKMANN, Karina Worm; TEMBIL, Márcia Terezinha. **Formação de professores**: contribuições do PIBID. Guarapuava: Unicentro, 2014. p. 63-78.

ZIBECHI, Raul. Da Cidade Maravilhosa à Cidade Negócio. *In*: MELO, Alessandro (Org.). **Descolonizar a Rebelião**: uma alternativa desde baixo e à esquerda – coletânea de textos de Raul Zibechi. Guarapuava: Aprehendere, 2018. p. 85-92.

Recebido em: 30/07/2019

Aprovado em: 04/11/2019

Publicado em: 20/12/2019